

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Cultura de Imprensa Class.: Poyanamb 11

Data 17/06/91 Pg.: _____

Ocupação branca na Amazônia massacrou povos indígenas

RIO BRANCO - O velho índio Poianauá Alberto Itxubaé jamais esqueceu aquela madrugada fria de 1913, quando viu sua tribo acordar em pânico, sob o fogo cruzado de aproximadamente 50 rifles de repetição acionados pelos homens do coronel de Barranco Mâncio Agostinho Lima. Os assaltantes, cada um munido de uma centena de balas, atiravam todos juntos e à vontade. O curumim Itxubaé, que tinha cinco anos de idade, foi um dos poucos a conseguir escapar com vida daquele genocídio

Padre francês tem relato sobre mortes na década de 20

em moda na época pela ocupação do Acre e da Amazônia. Aqueles atiradores cumpriram fielmente as ordens do coronel para que fossem poupadas mulheres e crianças.

"Mas não poupavam nenhum dos homens, os quais, aliás, se mostravam sem medo e indomáveis", observou o padre francês Charles Tastevin, da congregação do Espírito Santo, que percorreu o rio Juruá e seus principais afluentes, no decorrer da década de 1920, e relatou o genocídio de algumas tribos. Segun-

do o padre, os civilizados - caucheiros peruanos e seringueiros brasileiros - exterminaram povos indígenas com as expedições ou correrias.

O índio Poianauá reconhece que teve sorte ao escapar com vida naquela manhã. "Chegava-se a lançar crianças índias para o ar e aparava-se na ponta do punhal", observou ainda o padre Tastevin, no artigo que publicou, em 1928, na revista parisiense *La Geographic*. "Correria é um termo regional utilizado para caracterizar as matanças organizadas dos diversos grupos indígenas, com a justificativa de garantir a segurança dos seringueiros", explica o antropólogo acreano Terri Valle de Aquino, que desde 1975 estuda a consequências do contato dos índios do Acre com a civilização branca.

As correrias reuniam de 30 a 50 homens armados de rifles. Os atiradores cercavam as aldeias à noite, quando os índios dormiam. Ao amanhecer, no instante em que os índios se levantavam para seus primeiros repastos e se preparavam para ir caçar, um sinal convencido era feito e os assaltantes abriam fogo. O antropólogo Terri Aquino afirma que os seringalistas sustentavam mateiros, cuja função principal era mais a de assassinar índios brabos do que a de abrir estradas de seringa.

O mais célebre matador profissional de índios no Acre foi Pedro Bilo, morto em 1983, a quem populações da região do Juruá admiravam e atribuíam poderes sobrenaturais. Outro, foi Felizardo Cerqueira, que costumava inscrever as iniciais de seu nome no braço dos índios que amansava ou escapavam das correrias. Felizardo teve mais de 80 filhos com índias. "Eu mesmo ele me ajudou a fazer", afirma um seringueiro da tribo Caxinaua.

Felizardo Cerqueira inscrevia

Exterminadores eram pagos pelos grupos de seringueiros

as iniciais F.C. picando o braço dos índios com quatro agulhas e uma mistura de tinta de genipapo, pólvora e tina preta de ser-nambi. Os índios eram transformados em escravos, despojados de terras, cidadania e cultura tradicional. Tornaram-se caboclos, segundo Terri Aquino, um ser ambíguo que não é considerado índio brabo nem tampouco daua ou civilizado. "Quando era abolida a escravidão dos negros, no final do século passado, iniciava a escravidão dos índios da região", assinala o antropólogo.

A matança persiste nos dias de hoje

A manança organizada ainda dizima índios arredios (sem contato com a civilização) de quase todas as nascentes dos afluentes dos rios Juruá e Purus, na fronteira com o Peru. Por vingança, muitos índios já feriram e mataram seringueiros e outros índios aculturados. As vinganças tem sido bárbaras: um seringueiro foi decapitado e duas mulheres brancas foram mortas em 1988. De uma delas eles arrancaram a cabeça e da outra tiraram o feto de sua barriga e levaram.

O estado de guerra dos Caxinauas com o arredios forçou a FUNAI a formar, em 1987, uma frente de atração nas cabeceiras dos rios Envira, Humaitá e Jordão. Em julho de 1988 Elisue Screno, do Conselho de Líderes Caxinauas, saiu para caçar com mais 25 índios. Encontraram pedradas e, mais adiante, viram índios carregando uma mala cheia de roupas, redes, terçados e panelas. Os dois índios foram mortos.

Os Caxinauas denominam os outros de Jaminuas e dizem que eles andam nus, seus cabelos atingem o ombro, mas a cabeça é raspada no centro e, por isso, eles são chamados de Coroados pelos seringueiros. As mulheres usam apenas uma tanga, e os Jaminuas, que também são aculturados, fazem a mesma descrição dos arredios, chamados por eles de Mascos.

Seringueiros, índios e brancos já chegaram a discutir a formação de uma ronda para caçar os arredios. O sertanista da FUNAI, José Carlos dos Reis Meireles, tem alertado desde 1984 sobre os índios arredios e as lutas que correm na região. "Encontros esporádicos entre Jaminuas e Mascos tem ocorrido, sempre com mortes de ambos os lados", afirma, em relatório, o chefe da Frente de Atração da FUNAI.

Um passado de liberdade

A história dos Poianauas é a história emblemática da instauração da escravidão entre os grupos indígenas do Acre e da Amazônia. Os sobreviventes do genocídio - como Alberto Itxubaé, que começou a trabalhar aos oito anos de idade - guardam apenas a lembrança do início do século, quando sua tribo era numerosa e livre. Os índios Poianauas referem-se ao domínio do Coronel Mancio Lima como o tempo do cativo. Só em 1983 Itxubaé, uma espécie de historiador, teve coragem de narrar o massacre sofrido por sua tribo.

As mulheres que escaparam das correrias substituíram animais num comboio para transporte da produção de borracha no seringal Barão do

Índios escravizados não tinham dia para o descanso

Rio Branco. Os sobreviventes da tribo foram atraídos com uma caixa cheia de espelhos, tesouras, vestidos e cobertores. Os homens e mulheres eram proibidos de encontros e um feitor, segundo Itxubaé, gritava a cada grupo de trabalho: "trabalhem, magote de preguiçosos"! O seringal Barão do Rio Branco se tornou môdelo da empresa seringaísta no apogeu da borracha.

Os índios não tinham dia para descansar. Um local do seringal foi batizado de São Domingo porque a casa de farinha e o engenho de açúcar foram instalados em jornadas de trabalho aos domingos.

"Tudo era dele. Até nós era do Coronel", afirma Itxubaé. Mancio Lima emprestava aos índios nomes de personalidades como Napoleão Bonaparte. Cândido Mariano Ron-

don, Prudente de Moraes, Quintino Bocaiuva, etc.

Um índio disse ter visto o Coronel durante uma sessão espírita puxando, com uma corda no pescoço, uma carroça cheia de Poianauas. O índio contou que Mancio Lima e seus descendentes estão amaldiçoados pelo sangue dos cablocos e seringueiros que mandou matar. As índias Isabel Ricaun e Hilda Kote, filhas do Tuchaua Poianaua, não perdoam a morte do pai. Segundo elas, o cacique foi assassinado a tiros quando tentou escapar dos homens do Coronel. "Os urubus comeram nosso pai", resigna-se Isabel.

As índias lembram quando chegaram no seringal e adoeceram com gripe e sarampo. Dezenas teriam morrido sem nenhuma assistência. Depois de 1950, com a morte do Coronel, foi que romperam com a proibição de plantar roçados. A desobediência era punida com surra de chicote. Alberto Itxubaé recorda o caso de uma índia que foi amarrada e surrada até a morte pelos capangas do Coronel, para ensinar a toda tribo a não roubar. "Se a gente deitava na rede eles cortavam os punhos para ir trabalhar".

Itxubaé conta que, certo dia, o Coronel Mancio Lima açoitou seus tios e o avô, montado num cavalo e com um espadão do lado. O índio disse que cansou de perguntar a sua mãe por que o coronel açoitava seus parentes. "Eu perguntava ainda pelo meu pai. Mamamê respondia que o Coronel mandou matar ele".

A aldeia Poianaua, com 300 índios, tem 19 mil hectares e está localizada as margens do Rio Moa, no município de Mancio Lima. Apesar de delimitada pela Funai em 1978, somente em 1983 os índios foram informados pelo antropólogo Terri Aquino de que a terra lhes pertencia. Sobrevivem da agricultura e tentam recuperar suas tradições.